

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO JORNALISMO

MICHAELLE DE SOUZA PEREIRA

JORNALISMO PERIFÉRICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA
AGÊNCIA MURAL

Maceió
2025

MICHAELLE DE SOUZA PEREIRA

**JORNALISMO PERIFÉRICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA
AGÊNCIA MURAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharelado em Jornalismo.**

**Orientador: Dra. Mercia Sylvianne
Rodrigues Pimentel**

Maceió

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 26 dias do mês de novembro do ano de 2025, das 16h às 17h20, realizou-se no Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão remota de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC) intitulado **Jornalismo periférico no Brasil: uma análise da Agência Mural**, da graduanda **Michaelle de Souza Pereira**, matrícula 20112842, do Curso de Jornalismo, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta pela **Esp. Lenilda Luna de Almeida** (1ª examinadora), pelo **Prof. Dr. Vitor José Braga Mota Gomes** (2º examinador) e pela **Profa. Dra. Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel** (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

(X) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0

() Reprovado

() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

Documento assinado digitalmente
MERCIA SYLVIANNE RODRIGUES PIMENTEL
Data: 26/11/2025 17:28:46-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

MERCIA SYLVIANNE RODRIGUES PIMENTEL (orientadora)

Documento assinado digitalmente
LENILDA LUNA DE ALMEIDA
Data: 27/11/2025 07:08:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

LENILDA LUNA DE ALMEIDA (1ª examinadora)

Documento assinado digitalmente
VITOR JOSE BRAGA MOTA GOMES
Data: 25/02/2026 10:23:06-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

VITOR JOSÉ BRAGA MOTA GOMES (2º examinador)

Resumo

O trabalho buscou compreender como a Agência Mural ajuda a construir sentidos sociais e de identidade em seus leitores por meio da produção de reportagens culturais. Utilizando como dispositivos teórico-metodológicos a análise de conteúdo e as pesquisas de D'Andrea (2013) e Rovida (2020), concluímos que o veículo periférico escolhe representar os moradores da periferia, dando ênfase em suas vivências e expressões culturais.

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo periférico; periferias; análise de conteúdo; Agência Mural

Abstract

This study sought to understand how the Agência Mural helps construct social and identity meanings in its readers through the production of cultural reports, using Bardin's (1977) content analysis. Using the work of D'Andrea (2013) and Rovida (2020) as a theoretical framework, we concluded that the peripheral media outlet chooses to represent the residents of the periphery, emphasizing their experiences and cultural expressions.

Palavras-chave: journalism; peripheral journalism; peripheries; content analysis; Mural Agency

1. Introdução

O Jornalismo Periférico tem se consolidado como uma vertente essencial na democratização da comunicação, permitindo que as narrativas sobre as periferias sejam contadas por aqueles que vivem essas realidades. Mais do que retratar histórias, esses veículos oferecem um espaço de identificação para os moradores das periferias, fortalecendo o senso de pertencimento e contribuindo para a construção da identidade desses sujeitos enquanto periféricos. Como destaca Peruzzo (2008), a comunicação comunitária e alternativa se apresenta como uma ferramenta de empoderamento para grupos historicamente marginalizados, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas no cenário midiático.

Mara Rovida (2020) explica que, para ser classificado como jornalismo periférico, o conteúdo precisa ser produzido por um morador da periferia, garantindo que a realidade seja retratada por alguém que a conheça de perto, despido de preconceitos e estigmas, mas respeitando a ética regulatória da profissão. Aos indivíduos que têm consciência do seu lugar social e agem politicamente a partir disso, D'Andréa denomina como *sujeitos periféricos* (2013). O autor também aborda que os movimentos e coletivos culturais dentro desses territórios são essenciais para a formação dessa identidade, utilizando como exemplo a atuação do grupo Racionais MC's.

Considerando o papel do jornalismo, independente de sua vertente, em atuar como um mediador social, capaz de criar e ampliar as representações sobre um grupo e construir um imaginário social, esta pesquisa se propõe a analisar o conteúdo jornalístico cultural produzido pela Agência Mural, por meio de um estudo de caso para compreender como as reportagens ajudam a construir e reforçar um sentido de identidade e pertencimento em seus leitores. A Agência Mural é um dos principais veículos de comunicação periférica atualmente. Com atuação focada na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), a Mural conta atualmente com 83 correspondentes, também chamados de “muralistas”, que são responsáveis por cobrir pautas relacionadas à região em que nasceram ou moram.

Foram selecionadas cinco reportagens culturais produzidas pela Agência Mural, publicadas entre junho e setembro de 2025. A análise buscou elementos que pudessem dialogar com o arcabouço teórico de Rovida em *Jornalismo das periferias: o diálogo social*

das bordas urbanas (2020) D'Andréa, em *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo* (2013). Para fazer a análise, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo de Bardin (1975), a fim de compreender os principais núcleos de sentido das reportagens culturais e os significados e subjetividades que elas armazenam.

2. Metodologia

O objetivo deste artigo é compreender como as reportagens produzidas pela *Agência Mural de Jornalismo das Periferias* estabelecem uma representação e identificação dos habitantes das periferias da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), por meio das reportagens que retratam movimentos e expressões culturais dentro desses territórios em diferentes segmentos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pois se volta para compreender como as reportagens contribuem para a construção de sentidos sociais dentro das periferias e uma ideia de pertencimento ao território. Trata-se também de um estudo documental, pois o corpus de pesquisa são as reportagens produzidas e publicadas pela Agência Mural, veículo no qual foi feito o estudo de caso.

Quanto ao caráter interpretativo desta pesquisa, reside na busca por compreender os significados explícitos e implícitos na produção jornalística, analisando como o veículo reforça sentidos sobre o pertencimento do sujeito periférico (D'Andréa, 2013) a partir da cultura. O intuito é que os resultados aqui apresentados possam contribuir para a discussão sobre o papel e atuação do jornalismo periférico, que tem se expandido ao longo dos anos e se revelado um novo fenômeno de comunicação.

O site da Mural foi lançado em 2015, com o intuito de narrar as histórias nas periferias de São Paulo, “combater estereótipos e garantir o acesso à informação por meio de um jornalismo local para as periferias”, de acordo com informações do site. O veículo foi escolhido como objeto de estudo nesta pesquisa pela sua forte atuação com o jornalismo das periferias, tornando-se uma referência neste meio, com uma ampla capacidade de representar as periferias da RMSP de forma plural. Em 2025, além da equipe fixa de gestores e “muralistas”, que participam da administração da Agência, a Mural conta com 73 correspondentes locais em 15 cidades da Região Metropolitana e 30 distritos da capital paulista. Os correspondentes locais são moradores — formados em Jornalismo ou não — que moram ou cresceram em bairros ou cidades da RMSP. A frequência assídua de publicações em relação a outros veículos de jornalismo periférico também foi um critério considerado para a escolha.

Para a análise documental, foram utilizadas como critério de inclusão reportagens que abordassem a cultura produzida dentro das periferias. Ao todo, serão analisadas cinco reportagens que falam sobre diferentes vertentes da cultura, incluindo moda, literatura, música e artes visuais. Como o artigo objetiva analisar como a agência reforça as subjetividades periféricas por meio da cultura, foram consideradas como critério de exclusão reportagens que abordam diferentes temas, como saúde, educação, mobilidade etc. As notícias analisadas foram publicadas entre julho de 2025 e setembro de 2025.

A escolha por publicações mais recentes foi feita para obter uma interpretação mais precisa quanto à produção atual da Agência e seus presentes correspondentes. No site, é possível conferir uma área que separa as notícias pela região que está sendo abordada; sendo assim, são separadas em: Zona Sul, Zona Leste, Zona Oeste, Zona Norte e Grande São Paulo. As reportagens que abordam mais de uma região são identificadas na categoria “todas as quebradas”. Considerando que cada região possui características próprias, foi selecionada uma notícia de cada lugar. A categoria "Zona Oeste" não conta com uma notícia cultural escrita produzida em 2025; portanto, foi substituída por uma notícia da categoria "várias quebradas".

Foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1977). A escolha foi feita devido à possibilidade de identificar temas recorrentes e sentidos predominantes nas notícias analisadas. Posteriormente, os temas foram agrupados em categorias temáticas que representam as dimensões interpretativas do discurso jornalístico. Com essa organização, foi possível compreender como a Mural reforça narrativas de pertencimento, cidadania e mediação social dentro das periferias. As etapas de trabalho foram divididas da seguinte forma:

- a) Pré-análise: foi realizada a seleção e leitura flutuante do material para familiarização com o texto e estabelecimento da codificação;
- b) Exploração do material: codificação e categorização dos dados com base nos temas recorrentes e relevantes para a pesquisa;
- c) Tratamento e interpretação dos resultados: interpretação dos dados obtidos utilizando o referencial teórico sobre jornalismo periférico e formação dos sujeitos periféricos.

Chegou-se a três categorias principais que sintetizam os resultados e significados obtidos com a análise das reportagens. O primeiro, “Território, expressão e identidade cultural”, busca identificar quais características e códigos da cultura periférica e da expressão

dos sujeitos são encontrados nas reportagens, seja por meio das contribuições dos entrevistados ou a partir da linha editorial do veículo. Essa categoria abarca os códigos “expressão periférica”, “influência da música”, “ênfase na origem” e “linguagem própria”. A segunda, denominada “Experiência e subjetividade periférica” foca na forma como as experiências dos entrevistados, sejam elas individuais ou compartilhadas com outros sujeitos periféricos, são retratadas nas reportagens a partir da perspectiva do jornalismo periférico. “Experiência compartilhada”, “Experiência do sujeito periférico” e “Pertencimento” são os códigos que integram esta categoria. Na última categoria, formada a partir da análise denominada “Consciência Crítica e Ação”, foi analisado como o olhar crítico e as ações políticas dos entrevistados e do próprio veículo podem impactar na forma como os leitores percebem a si mesmos.

3. A formação dos sujeitos periféricos

Na década de 1970, intelectuais acadêmicos da região metropolitana da cidade de São Paulo passaram a utilizar o termo *periferia* para definir um território geográfico em que a pobreza, estruturas precárias e distância em relação aos centros das metrópoles se sobressaem como características principais.

No entanto, as áreas periféricas da capital paulista começaram a se desenvolver antes disso. A partir de 1930, trabalhadores da região Nordeste e regiões mais pobres de Minas Gerais migram para o estado em busca de suprir a crescente demanda de mão de obra industrial que surgia. Mas, sem assistência do Estado, a classe trabalhadora recorria a cortiços de condições precárias, preparados para receber migrantes para descansar após as exaustivas jornadas de trabalho.

Paralelamente, a área central de São Paulo já havia sido estruturada em torno das ferrovias que eram utilizadas, no fim do século XIX, para o transporte de café para os portos de Santos e Rio de Janeiro. A dinâmica nessa área, proporcionada pelas ferrovias, atraiu investimentos em moradias, palacetes e loteamentos para os proprietários de café e indústria, sobretudo têxtil e alimentícia. É neste contexto que surgem bairros operários como Mooca, Brás e Bom Retiro, como explica o historiador Adriano José de Sousa em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos em 14 de janeiro de 2025.

Como alternativa, os trabalhadores com baixa remuneração recorreram ao entorno da cidade, onde havia loteamentos advindos de fazendas, como a do Oratório e Caaguaçu, onde hoje existem bairros dos distritos de Itaquera e São Mateus, localizados na Zona Leste de São

Paulo. Esses terrenos eram considerados mais baratos, porém não possuíam infraestrutura básica, como saneamento, educação, saúde e transporte público. Aroldo Azevedo descreve que a precariedade da região nos anos 40, com a falta de indústrias e de comércio, levava a população a se deslocar diariamente para o centro da metrópole, para trabalhar, vender seus produtos e adquirir itens para consumo próprio (Azevedo, 1945).

É nesse cenário de precariedade nas áreas localizadas às bordas da cidade que a Igreja Católica, que já utilizava o termo *periferia* por meio da organização Pastoral das Periferias, em 1970, passa a atuar como agente central na criação de movimentos de reivindicação política, especialmente por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As CEBs eram formadas por grupos de fiéis que se reuniam para partilhar a fé e analisar os seus contextos sociais e políticos a partir dos valores citados no Evangelho. Em seu livro *Quando novos personagens entraram em cena, 1970-80* (1988), Eder Sader afirma que a reflexão política trazida pelas CEBs aos moradores foi capaz de realizar uma “reelaboração das experiências cotidianas de existência, com categorias para criticá-las e referências para ações coletivas visando transformá-las”. (Sader, 1988, p. 162).

Como conclui Cefaï (2009, p. 27), a conscientização sobre os “pontos comuns” é fundamental para transformar necessidades pessoais ou privadas em reivindicações e “problemas públicos”. Em um estudo sobre os espaços de formação e mobilização social ao longo de três gerações nas periferias de São Paulo, Leonardo Fontes (2020) conversou com mulheres que participaram das CEBs nos distritos do Jardim Ângela, zona Sul, e Brasilândia, zona Norte. Segundo as interlocutoras, as suas lutas nesse período resultaram em conquistas que contribuíram para a melhora da infraestrutura e qualidade de vida nas regiões em que moravam, “tais como escolas, creches, pontos e linhas de ônibus, asfaltamento de ruas, construção de postos de saúde e até mesmo hospitais” (Fontes, 2020, p.11).

Com a utilização do termo *periferia* pela academia, pelos movimentos sociais e pela Igreja Católica, os moradores já estavam familiarizados com o termo, mas não reconheciam a região em que moravam e nem a si mesmos como *periféricos*. De acordo com D’Andrea (2020), nos anos 1980, o termo *periferia* carregava exclusivamente o peso de estigmas e preconceitos, associando a palavra a um teor negativo. Assim, apesar de identificarem um “fator em comum”, os moradores se organizaram e reverenciavam seus coletivos de outras formas:

A gente, lá pelos 1980, não falava de periferia. A gente falava muito povo, trabalhador e classe trabalhadora. A gente sabia que a pobreza era por causa

dos padrões, dos ricos [...]. Não tinha uma coisa de ficar falando de favela o tempo todo, e nem periferia.

(LIDERANÇA DA ZONA LESTE, entrevista concedida ao autor, 2012, apud D'ANDREA, 2020, p. 21).

A preponderância¹ do termo só começaria a mudar no início da década de 1990, com o surgimento do movimento hip-hop, que passou a se apropriar e publicizar o termo. A partir desse processo, a periferia passa a reivindicar o termo, iniciando um processo de identificação crescente que mudaria os significados associados à palavra de forma histórica. Um dos principais braços que sustentaram essa mudança foram as expressões culturais que surgiram como reflexo da realidade social do início da década.

Se, de um lado, os anos da década de 1980 foram marcados pela mobilização popular nas periferias, as reformas neoliberais que surgem a partir da década de 1990 aparecem como uma representação de retrocesso, ao fragilizar as conquistas sociais garantidas nos anos anteriores. Esse é um período que marcou o país pela crise econômica, aumento do desemprego e precarização do trabalho para aqueles que conseguiram se manter no mercado.

Mas, na cidade de São Paulo, o aumento da violência tornou-se um marcador social determinante para a crescente insatisfação da população. Entre o começo da década de 1980 até 1993, a taxa de homicídios na cidade manteve uma tendência de crescimento, com algumas variações. No entanto, a partir de 1994, houve um aumento repentino no número de homicídios na capital, alcançando seu ponto mais alto entre 1999 e 2001 (Telles, 2011).

Com o genocídio em curso, os principais alvos eram corpos negros masculinos e, é a partir dessa vivência que o principal grupo de rap no Brasil teceu uma narrativa em sua obra, que sintetizava o sentimento de dissabor e descontentamento da população periférica. Na tese *A formação dos sujeitos periféricos* (2013), D'Andrea aborda não apenas o papel dos movimentos sociais e da indústria do entretenimento, mas também como a criação de uma narrativa pelo grupo de rap Racionais MC's expressou o sentimento de insatisfação dos moradores de periferia em relação às condições de vida impostas na época.

Dentro do movimento, o grupo ganhou notoriedade ao destacar em suas letras as vivências dos moradores da periferia, que falam sobre a violência e pobreza, mas com dois pontos que diferenciam o discurso das narrativas criadas até então: o tom de denúncia e a legitimidade de quem enfrentava aquela realidade diariamente. Em 1993, o grupo lançou o LP *Raio-X Brasil*. A música de maior repercussão, intitulada “Fim de Semana no Parque”, deixa

¹ Conceito utilizado pelo autor, cujo significado é "ter mais peso"

clara a insatisfação do eu-lírico (o próprio Mano Brown) com a falta de opções de lazer e crescente violência no bairro, comparando a realidade daquela população com moradores de bairros de classe média.

“Na periferia, a alegria é igual /
É quase meio-dia, a euforia é geral /
É lá que moram meus irmãos, meus amigos /
E a maioria por aqui se parece comigo”
(RACIONAIS MC’S, 1993).

No trecho acima, a mesma música evoca o sentimento de pertencimento e identificação do eu-lírico com os outros moradores, afirmando a existência de uma unidade na periferia. Mas, em sua análise sobre a obra do grupo, D’Andrea afirma que foi com o álbum “Sobrevivendo no inferno”, lançado em 1997, que o grupo passou a ser escutado em todos os setores sociais, mudando a visão de agentes de poder público e acadêmicos do campo das ciências sociais sobre a periferia.

Entretanto, as novas significações de periferia não foram construídas exclusivamente pelo grupo, mas também pela percepção da população periférica, que compreendia a sensibilidade com que os seus anseios e vivências eram formulados pelos Racionais, que naquele ponto eram considerados *intelectuais orgânicos*. Desse modo, o autor defende que os Racionais só fizeram sucesso comercial, social e político porque foram capazes de construir um discurso crítico que foi legitimado pelos moradores da periferia.

O autor constrói o argumento de que o grupo foi de suma importância para que, a partir de sua produção cultural, os moradores elaborassem um novo significado de *periferia*. De acordo com Tiarajú (2013), por meio de suas músicas, o grupo leu e descreveu um imaginário que pairava sobre a realidade social, além de ter fornecido novos elementos para ele. O grupo destaca-se como um dos principais responsáveis pelo surgimento de uma “consciência periférica”. A partir dela, o morador da periferia passa a compreender de forma crítica sua posição social, enfrentando as desigualdades e agindo de forma ativa e consciente para transformar a sua realidade e os discursos sociais que o desumanizam e estereotipam. A esses indivíduos, o autor definiu como “sujeitos periféricos”.

No entanto, é fundamental salientar que nem todo morador da periferia é um sujeito periférico. D’Andrea destaca três características essenciais que o periférico precisa possuir para se encaixar nessa denominação: 1) Assumir a sua condição de periférico por meio da

consciência de uma experiência social compartilhada que fornece uma dada subjetividade; 2) Passa a ter orgulho da sua condição de periférico ao superar os estigmas sociais associados a bairros geográficos e socialmente afastados da metrópole; 3) Começa a agir politicamente a partir da sua condição de periférico, trocando a passividade pela ação como sujeito periférico.

Em resumo, o sujeito periférico é um indivíduo que porta orgulho de sua condição e se reconhece como parte de um coletivo, em que compartilha códigos e maneiras de enxergar o mundo. Ele também possui um senso crítico em relação à forma como a sociedade se estrutura, mas age a favor da superação dessas condições que lhe são impostas.

A partir dessa nova noção sobre o significado de periferia e o que é ser periférico, D'Andréa afirma que se tornam comuns movimentos, especialmente artísticos-políticos. Esses grupos, cujo principal catalisador é o grupo Racionais MC's, possuem um caráter de denúncia já característico, mas também passam a expressar, por meio de suas produções, uma potencialidade associada ao indivíduo periférico, que se expande ao longo dos anos.

Com esse movimento inicial, surge uma consciência coletiva que motiva a periferia a produzir cada vez mais para si, tornando-se protagonista de sua própria narrativa. Esse fenômeno se estende, criando expoentes com o surgimento de novos artistas, coletivos, associações e até mesmo veículos de comunicação voltados para a representação periférica.

Muitas dessas iniciativas surgem de maneira informal e ganham notoriedade à medida que são validadas pela comunidade periférica. Entre elas, vale destacar o blog “Expensive Shit”, criado em 2015 pelas irmãs gêmeas Tasha Okereke e Tracie Okereke. Atualmente, as duas são os principais nomes no cenário do rap feminino nacional, mas, na época da criação da página na internet, eram ainda adolescentes, moradoras do Jardim Peri, bairro periférico localizado na Zona Norte da cidade de São Paulo, e utilizavam o espaço online para falar sobre uma forma de moda acessível para os jovens de periferia.

No entanto, o blog também abordava outros temas que explicitavam o seu público-alvo. Um artigo disponível, nomeado como *Direitos e deveres durante uma abordagem policial: por que você, jovem preto e favelado, tem que saber!*, exemplifica isso. O texto fala sobre um problema que é majoritariamente enfrentado por jovens periféricos: a violência policial. No entanto, o assunto é trazido à tona sob a perspectiva de quem já passou por situações semelhantes e compartilha a sua experiência com um grupo em comum.

Enfim, a abordagem foi longa e abusiva como sempre... Refletimos sobre e paramos pra pensar que na maioria das vezes, somos esculachados aqui na quebrada por não saber dos nossos direitos e por agir como se estivéssemos

errados, mesmo que não estejamos fazendo nada ilegal [...] (Okereke; Okereke, 2016).

O blog, que mais tarde viria a se tornar um coletivo que promovia bailes de rua e outras iniciativas culturais dentro da periferia, diminuiu ainda mais as barreiras, tornando as gêmeas as primeiras brasileiras a saírem no site Afropunk, portal americano do maior festival de cultura negra do mundo (Metrópoles, 2021). Iniciativas como essas, como defende D’Andréa, só tornam-se possíveis devido à construção de identificação do sujeito periférico iniciada nos anos 1990 com os Racionais, disseminada por meio dos coletivos culturais periféricos, além da validação desses discursos pelos próprios moradores das periferias.

Na próxima seção, abordaremos como o surgimento do conceito de “sujeito periférico” se relaciona com o crescente número de veículos de comunicação periférica a partir de 2010.

4. O jornalismo das periferias

No Brasil, o número de veículos jornalísticos alternativos aumentou consideravelmente entre os anos 2000 e 2010 (Figaro; Nonato, 2018). Essa é uma forma de fazer jornalismo sem submetê-lo a interesses mercadológicos e promover uma produção livre que interesse ao cidadão. Entre essas novas possibilidades, surge o Jornalismo Periférico, uma nova maneira de narrar a contemporaneidade a partir dos territórios, que, segundo o geógrafo brasileiro Milton Santos, é formado e constituído a partir dos indivíduos que o ocupam. Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), também chamada de Grande São Paulo, a pesquisa Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro, produzida pelo Fórum de Comunicação e Territórios de São Paulo em 2019, mapeou 97 iniciativas de jornalismo periférico na capital.

Vale ressaltar que, apesar de esses coletivos de comunicação serem formados por pessoas que compartilham algumas semelhanças, como virem de territórios que carecem da assistência do poder público, terem pouco ou nenhum acesso à saúde, educação, transporte público e vagas de trabalho de qualidade e terem consciência de sua posição e potência, agindo politicamente a partir disso, existe pluralidade e diferenças de uma periferia para outra. Por isso, Rovida (2020) enfatiza que é importante classificar essa vertente como Jornalismo das Periferias, para contemplar as características e as particularidades de cada território.

Essas diferenças refletem também na forma como o conteúdo e atuação desses coletivos são construídos, possuindo aspectos ligados a diferentes vertentes de comunicação. Arruda, Rovida e Cunha (2021), dialogando com o trabalho de Souza (2019), destacam que o jornalismo feito nas periferias utiliza técnicas de atuação ligadas a diferentes vertentes da comunicação alternativa. Os autores argumentam que, apesar de estarem se profissionalizando cada vez mais, não é possível associar o jornalismo produzido por esses coletivos a terminologias já conhecidas, visto que eles possuem características que se aproximam dessas definições, mas se sobressaem quando incluem ações e produções que não estão estabelecidas dentro dessas terminologias.

Os coletivos culturais, que fazem parte de um movimento de arte-ativismo, estudado por Mesquita (2008), têm uma relação direta com o modelo de trabalho e atuação dos veículos de jornalismo periférico, como demonstrou Mara Rovida em seu livro *Jornalismo das periferias*.

[...] o jornalismo das periferias, em outros termos, independentemente da nomenclatura escolhida, faz uso do modelo horizontal de trabalho em grupo, que tem por finalidade não apenas ser inclusivo e democrático, mas também objetiva propiciar uma certa forma de intervenção da realidade, um certo ativismo (Rovida, 2020, p. 100)

A autora discute a hipótese de que os veículos periféricos possuem semelhanças com os coletivos de arte ativismo por meio de um diário de campo, em que realizou entrevistas com jornalistas dos principais veículos de comunicação periférica da RMSP. Em seu trabalho, Rovida conclui que existe uma forte presença e influência cultural na produção das pautas, especialmente das vertentes do Funk, Hip Hop, Sound System e teatro. A respeito das aproximações entre coletivos de cultura e veículos de comunicação, é possível citar a escassez de recursos financeiros e as estratégias para consegui-los, ser de pequena escala e servir de oposição à estrutura social por setores subordinados e o estabelecimento de um modelo horizontal de organização.

O fazer jornalístico nas periferias da RMSP possui um modelo de trabalho horizontal, como conclui Rovida. Há um cuidado em garantir que a opinião de todos os participantes do coletivo seja considerada, ainda que exista um nível mínimo de hierarquia para manter a organização interna. Nesses grupos, é comum que jornalistas mais experientes atuem como mentores dos estudantes, recém-formados e até mesmo pessoas sem formação na área que contribuem com as produções. Existe também cuidado ao selecionar pautas que estão

alinhadas às políticas editoriais dos veículos, que assumem o compromisso com o direito social à informação e priorizam vozes ativas das periferias, respeitando a premissa de pluralidade da fonte estabelecida pelo jornalismo.

Essa vertente da atuação jornalística tem se consolidado como um braço essencial na democratização da comunicação, permitindo que as narrativas sobre as periferias sejam contadas por aqueles que vivem essas realidades. Mais do que retratar histórias, esses veículos oferecem um espaço de identificação para os moradores das periferias, fortalecendo o senso de pertencimento e contribuindo para a construção da identidade desses sujeitos enquanto periféricos. Como argumenta Peruzzo (2008), a comunicação comunitária e alternativa se apresenta como uma ferramenta de empoderamento para grupos historicamente marginalizados, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas no cenário midiático.

Na sociedade em rede, as identidades se tornam o principal ponto de referência social. A mídia, especialmente o jornalismo, tem um papel fundamental na construção dessas identidades, ao moldar as narrativas através das quais indivíduos e grupos constroem o significado de si mesmos e do mundo. (Castells, 1999, p. 23).

Como afirma Castells, para além do dever social de informar, o jornalismo serve à sociedade como um agente norteador no que diz respeito à criação e representação de identidades culturais. Definir o que é ou não essa representação contribui para a formação dos indivíduos, que interpolam a sua identidade com o pertencimento a uma cultura, grupo social e até mesmo identidade política.

A partir da obra *O espaço do cidadão*, do geógrafo brasileiro Milton Santos (1987), compreendemos que o processo de pertencimento de um indivíduo se dá por meio da cultura. Mais do que espaços geográficos, os territórios são repletos de valores e códigos únicos, gerando a conexão do indivíduo com a cultura local. É por meio da referência com o território e cultura que os moradores passam a se sentir parte de uma coletividade, e o sentimento de pertencimento mostra a possibilidade de intervir e participar dessa vida coletiva.

Como discutido na primeira seção, os coletivos culturais periféricos são peças-chave na criação do consciente dos moradores da periferia, o que culmina, consequentemente, no surgimento da condição de sujeito periférico. É a partir deles que surge o senso de potência dentro das periferias, que passam a se organizar e utilizar como uma das estratégias a atuação comunicacional, que atua a partir do conhecimento que se detém. Dessa forma, os discursos abordados nesses coletivos, além de representar a periferia, escolhem não reproduzir os

discursos trazidos pela mídia hegemônica, que frequentemente fortalece estereótipos e estigmas sobre essa população (Souza, 2019).

Souza (2019, p. 17) descreve esse e outros processos como uma “educomunicação popular e periférica”. Essa ação envolve sujeitos que, a partir das suas experiências periféricas, promovem uma atividade reflexiva crítica que questiona as formas de vivência nesses espaços. Essas críticas são expressas por meio de textos, fotos, vídeos e até mesmo memes. Em outros termos, a autora afirma que é preciso “sentipensar as periferias para, assim, narrá-la” (Souza, 2019, p. 17).

Nesse contexto, a educomunicação popular e periférica envolve explorar diferentes territórios e revelar histórias e formas de resistência dentro desses lugares. Ao jogar luz sobre essas novas narrativas, é possível mudar a visão sobre esses lugares, especialmente de quem vive diariamente nesses espaços. Em seu estudo, *Entre quebradas e comunas*, Souza (2019) retrata relatos de moradores que passaram a enxergar os seus territórios com novos olhares, vendo potencialidade e possibilidade de conhecimento.

Além de produzir um conteúdo elaborado a partir de um determinado território, que, segundo Rovida (2020), é diferenciado por conter perspectivas que só podem ser compreendidas por quem também vive nesses espaços, muitos coletivos de comunicação periférica também produzem oficinas e ações que buscam capacitar os moradores das periferias para se tornarem vozes ativas em seus bairros. Entre essas iniciativas estão o “Você, Repórter da Periferia”, criado pelo coletivo Desenrola e Não Me Enrola, que aborda o jornalismo cultural periférico com adolescentes e jovens moradores de bairros periféricos da Região Metropolitana de São Paulo, e o e-book “Repórter da Quebrada”, produzido pela produtora de jornalismo Periferia em Movimento (PeM). O material apresenta uma metodologia de educação midiática desenvolvida dentro dos territórios periféricos a fim de ser utilizada por educadores e que podem multiplicar essa prática dentro dos territórios.

5. Análise da Agência Mural de Jornalismo

A partir da fundamentação teórica aqui apresentada, que se baseia no trabalho de Rovida (2020) e D’Andrea (2013), apoiada também nas discussões de outros autores que se voltaram a discutir a periferia e as questões que a envolvem, foram elaboradas categorias e códigos a partir da leitura das reportagens culturais da Agência Mural. Foram categorizados apenas os códigos que apareceram em pelo menos duas reportagens. Na tabela abaixo estão expostas todas as categorias e códigos e a frequência com que apareceram nos textos:

Tabela 1 - Categorias e códigos

Expressão e Identidade Cultural	Experiência e Subjetividade Periférica	Consciência Crítica e Ação
Expressão periférica (13)	Experiência compartilhada (9)	Posicionamento crítico (12)
Influência da música (9)	Experiência do sujeito periférico (5)	Ação política (11)
Ênfase na origem (11)	Pertencimento (5)	
Linguagem própria (3)		

Assim, foram criadas três categorias para essa análise. A primeira, denominada como “expressão e identidade cultural”, abriga códigos como “expressão periférica”, “influência da música” e “ênfase na origem”. Nessa categoria, buscamos compreender como a cultura periférica e o território são representados nas reportagens da Mural.

Na categoria “experiência e subjetividade periférica”, a análise busca compreender como as experiências individuais e compartilhadas atravessam os sujeitos periféricos retratados na reportagem, bem como é construído o sentido de pertencimento por meio das produções do veículo.

Por fim, a terceira categoria, denominada “consciência crítica e ação política”, que abarca os códigos “posicionamento crítico” e “ação política”, busca analisar e compreender como se dá o posicionamento e a ação política desses sujeitos e do próprio veículo diante das suas realidades.

5.1 Território, expressão e identidade cultural

Nesta categoria foram identificados trechos que explicitam a forma como as reportagens produzidas pela Agência Mural remetem, em suas escolhas editoriais, a características e códigos da cultura periférica, com os quais o leitor pode se identificar, destacando a relação com território, identidade cultural e formas de expressão dos sujeitos periféricos entrevistados. Assim, o seguinte tema é composto pelos códigos “expressão periférica”, “influência da música”, “ênfase na origem” e “linguagem própria”, obtendo a partir deles significados e subjetividades que nos ajudam a compreender como ocorre essa construção de sentidos nas reportagens.

Se um dos objetivos da Mural é produzir um conteúdo jornalístico a partir da ênfase no CEP, é possível dizer que esta é uma política editorial seguida à risca. Além da já mencionada categorização no site com base na região abordada no texto, podemos notar que todos os personagens/fontes são identificados, acompanhados imediatamente do lugar de origem ou que moram, como observamos a seguir:

Figura 1 - O hip hop me ensinou a me vestir com confiança

Entre os famosos “predinhos” do bairro Parque Dourado, em Ferraz de Vasconcelos, na Grande São Paulo, nos anos 2000, a estética urbana e o som grave do hip-hop ditavam o estilo. Foi nesse cenário que Otávio Henrique, 33, começou a desenvolver uma relação com a cultura do movimento que moldou sua identidade e, mais tarde, o caminho profissional.

Fonte: Agência Mural (2025).

“O espaço é o espaço do cidadão quando este pode participar da sua produção, da sua gestão e do seu usufruto.” (SANTOS, 2007, p. 111)

Partindo do pensamento de Santos (2002), de que o território é formado a partir das interações dos indivíduos entre si, ao passo que compartilham significados em comum sobre esse espaço, podemos compreender que associar esses territórios a movimentos culturais e histórias inspiradoras de seus moradores por meio da mídia, que tradicionalmente retrata esses mesmos territórios — ou seja, as periferias — de forma estereotipada, é uma forma de

criar a sua própria narrativa e representação. Como explica Woodward (2000), são os sistemas de representação e discursos neles contidos que dão as ferramentas para que os indivíduos possam se posicionar sobre aquilo que são e também o que podem vir a se tornar. Assim, ao notar a representação positiva do seu território, o leitor encontra caminhos para se identificar com a cultura daquele local e refletir sobre a sua condição como morador.

Figura 2 - Empreendedoras da moda criam e se conectam em evento na zona leste de SP

Ela reformulou os padrões de tamanho das roupas, a fim de atender as necessidades de diversos corpos existentes e das minas das quebradas. “Percebi a dificuldade de mulheres fora do padrão em encontrar roupas que as representasse enquanto ainda estava no curso de alfaiataria e resolvi dar visibilidade para essas mulheres”, comenta a estilista.

Fonte: Agência Mural (2025).

Em uma continuação à ressignificação dos territórios, a Agência Mural opta por utilizar uma linguagem que se aproxima da que é falada diariamente nas periferias. No trecho acima, além de utilizar o termo “minas” para se referir a meninas, chama atenção a utilização do termo “quebrada”. A palavra integra um extenso dialeto utilizado nas periferias, mas que, segundo Rovida, também carrega a noção de “um lugar de pertencimento que se coloca entre a intimidade da casa e a relação, muitas vezes pouco amistosa, com o restante da cidade” (2020, p. 81). A frequência com que o termo aparece nas produções da Mural nos faz compreender que a sua utilização não se trata apenas de uma escolha pessoal do repórter, mas sim de uma preferência da linha editorial do veículo em detrimento de termos mais “neutros”, como bairro ou região. Ao utilizar o termo, a reportagem corrobora com a ideia de Rovida de que esses espaços, antes vistos como marginais, passam a ser transformados e vistos como *minha quebrada*, um território onde existem relações de afinidade, reconhecimento identitário, resistência e orgulho de ser periférico. Vale destacar que essa ressignificação ocorre a partir dos jornalistas envolvidos nas reportagens, que também são moradores do território que está sendo abordado, e, segundo a autora, essa forma de se colocar em sua atuação de trabalho pode ser considerada um “posicionamento ativista, político e engajado” (2020, p. 81).

Figura 3 - Empreendedoras da moda criam e se conectam em evento na zona leste de SP



Fachada do evento Zirc na rua realizado pelo movimento Zirc Okupa



Fonte: Agência Mural (2025).

Figura 4 - Samir Bertoli, o stylist que levou a moda periférica para novos territórios



Público prestigia a exposição e os shows dos artistas independentes
@Anna Celli/Agência Mural

Fonte: Agência Mural (2025).

Nas reportagens, é possível observar que as imagens utilizadas pela Mural não cumprem apenas a função de ilustrar o conteúdo, mas atuam como signos que mediam significados sobre o território. Isso ocorreu em todas as reportagens analisadas, mas, como exemplo, utilizaremos as duas figuras acima, que são de reportagens distintas, mas utilizam o mesmo local para produzir significados: a Okupação Cultural Coragem, um casarão antigo na zona leste de São Paulo que foi ocupado e ressignificado por coletivos culturais. Hoje o

espaço funciona como uma galeria de arte e abriga eventos e ações geridos pelos coletivos e movimentos periféricos.

De acordo com Santaella (2008), seguindo a perspectiva de Peirce, “o signo [...] remete a algo que não coincide com o objeto e que, por isso, exige interpretação e mediação”. Assim, as figuras 3 e 4 não representam somente a Okupação Cultural Coragem em sua materialidade; elas também evocam um conjunto de valores sociais e simbólicos associados à periferia. Ao apresentar o casarão ocupado pelos coletivos culturais da zona leste, as imagens acionam a ideia de resistência, apropriação do local, reafirmação identitária e valorização da cultura periférica. Desse modo, o território é significado não apenas por descrição textual, mas por meio de signos visuais que reforçam o pertencimento e a potência cultural da periferia.

Figura 5 - Autora do Grajaú cria dicionário com 300 palavras de origem nordestina



Rosa, mãe da escritora com o mesmo nome, se mudou para São Paulo em 1988, e morou nos bairros do Sucupira e Jardim Lucélia
@Arquivo pessoal/Divulgação

Fonte: Agência Mural (2025)

Figura 6 – O hip hop me ensinou a me vestir com confiança



Tropa da Lacoste, campanha de moda que dialogou com a cultura Lacoste na periferia
@Amanda Adász/ Divulgação

Fonte: Agência Mural (2025).

Na perspectiva semiótica de Peirce (1977), retomada por Santaella (2008), o signo não opera isoladamente, mas dentro de uma rede de relações — isto é, cada elemento, seja visual ou textual, contribui para a produção de novas camadas de sentido. Na figura 5, a legenda ativa um repertório histórico específico das periferias: a migração nordestina para São Paulo. Ao colocar a legenda em relação à mediação com a fotografia — que mostra uma senhora de cabelos brancos, representando a trajetória de quem deixou o Nordeste rumo às periferias da capital paulista —, produz-se um sentido associado à memória coletiva de milhares de moradores periféricos. Assim, a imagem deixa de ser apenas o retrato individual dessa mulher e passa a funcionar como signo de um percurso social compartilhado, evocando em muitos leitores a figura de suas mães ou avós que vivenciaram experiências semelhantes.

Na figura 6, a legenda opera de modo semelhante, atuando como um signo verbal que orienta a interpretação da imagem. Ao colocarmos legenda e imagem em relação à mediação, percebemos que a fotografia não representa somente a cena de uma campanha, mas mobiliza referências visuais reconhecíveis das periferias de São Paulo. Assim, a legenda, ao nomear o contexto, ativa no leitor a memória social da “cultura Lacoste”, estética criada e ressignificada pela própria periferia. Desse modo, imagem e legenda operam conjuntamente como signos que evocam pertencimento, identidade e repertórios culturais periféricos.

Destacar a influência da música para a formação da identidade cultural da periferia também é uma característica notada a partir da análise das reportagens, ainda que não seja possível afirmar que isso seja feito de forma consciente. O hip hop e o funk são os estilos citados pelos personagens entrevistados, que afirmaram que os estilos musicais tiveram uma influência direta, principalmente na forma como eles se vestem, tentando reproduzir uma estética criada a partir desses movimentos. No trecho abaixo, por exemplo, a reportagem destaca como a influência do “funk ostentação”, na cidade de São Paulo a partir de 2008, influenciou na forma como Samir Bertoli e tantos outros jovens se vestiam.

Figura 7 - Samir Bertoli, o stylist que levou a moda periférica para novos territórios

Funk, várzea e moda

O interesse pela moda começou na adolescência, com a chegada do funk ostentação em São Paulo, em meados de 2008. Marcas como a Oakley, citadas em letras como Kit da Oakley dos MCs Juninho Wendy e Belet, chamavam a atenção dele para o mundo das roupas.

Fonte: Agência Mural (2025).

Como já citado, D’Andrea (2013) afirma que o discurso construído pelo rap dentro das periferias foi fundamental para a criação de uma identidade da juventude dentro desses territórios. Dayrell (2002) reforça que, embora dentro das periferias os jovens se reúnam em torno de diferentes formas de expressão cultural, como teatro, dança, artes visuais e entre outras, é a música — em especial o rap e o funk — que mais os envolve e os mobiliza. O autor também afirma que esse envolvimento e influência se tornam mais aparentes por meio das roupas e comportamentos próprios.

(...) eles vieram se construindo e sendo construídos como sujeitos sociais numa complexidade de espaço e tempos, estabelecendo múltiplas relações a partir do seu meio social, mas com uma referência central nos grupos musicais e na sociabilidade que produzem.

(DAYRELL, 2002, p. 133)

Segundo o autor, em uma sociedade em que as possibilidades são minguadas, em que as escolas com ensino de qualidade e oportunidades justas de trabalho são reservadas para jovens de classes sociais mais altas, o rap e o funk cumprem um papel significativo na vida

desses jovens. Entre os aspectos influenciados, ele destaca o exercício da criatividade, uma vez que esses estilos musicais introduzem esses jovens na sociedade não como espectadores passivos, mas como criadores ativos que desafiam os limites sociais que são impostos. Assim, a partir da música, esses grupos assumem um valor sobre si, enxergando potencialidade em suas ações.

As reportagens da Mural mostram que os entrevistados sempre têm algo a dizer, optando pelas manifestações artísticas como uma forma de expressão. Neste estudo codificamos essa ação como “expressão periférica”. Em diversos momentos — seja por meio da literatura, moda, arte visual ou outra forma de arte — fica explícito que o desejo de se expressar desses moradores nasce a partir das suas trajetórias em seus territórios e das questões vivenciadas a partir de suas características individuais, seja raça, gênero, aparência ou outra. Todas as formas de expressão periférica apreendidas a partir da leitura e análise da reportagem surgem a partir das experiências, individuais ou coletivas, desses sujeitos em seus territórios, integrando um movimento de tomada de narrativa iniciado com os Racionais ainda na década de 1990.

Segundo Freire Filho (2004), os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração. Nesse contexto, é possível afirmar que a arte surge como uma ferramenta de afirmação da identidade e pertencimento desses artistas e moradores diante dos seus territórios, e ampliar essas histórias e estabelecer uma nova representação por meio do jornalismo é uma escolha de subverter uma lógica de estereótipos já estabelecida pela mídia tradicional, que associa esses locais à violência e miséria.

5.2 Experiência e Subjetividade Periférica

Na categoria “Experiência e Subjetividade Periférica”, o foco da análise foi compreender como as experiências compartilhadas e individuais do sujeito periférico, ou seja, o entrevistado, são retratadas nas produções da Agência Mural, assim como compreender como o sentido de pertencimento é construído dentro das reportagens. Os códigos que compõem essa categoria são “Experiência compartilhada”, “Experiência do sujeito periférico” e “Pertencimento”. Vale ressaltar que nos referimos aos personagens retratados nas reportagens como “sujeitos periféricos” porque todos correspondem às características estabelecidas por D’Andrea (2013). Assim, todos são moradores da periferia, conscientes de

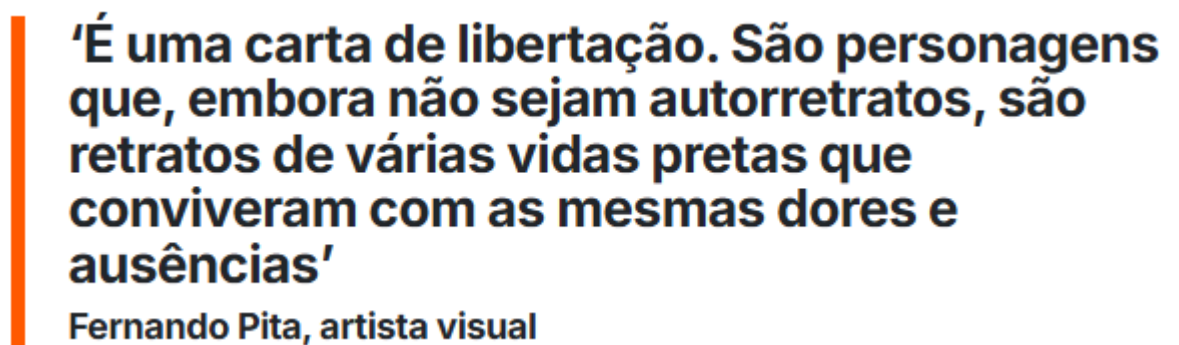
sua posição social e orgulhosos dos lugares que ocupam; apesar disso, possuem um olhar crítico em relação à sua realidade e empenham esforços para alterá-la e torná-la mais justa. O senso crítico e a ação política desses moradores serão discutidos no próximo tópico; por ora, vamos nos ater à presente categoria.

Como vimos ao longo deste estudo, foram as experiências dos integrantes do grupo Racionais MC's que os conduziram a escrever as suas músicas, que fizeram sucesso não só por retratar uma realidade por muito tempo invisibilizada e esquecida, mas também por ser validada por outros moradores da periferia que se conectaram com o que estava sendo dito. Segundo Raymond Williams (1979), o conceito de “estrutura de sentimento” se refere a percepções comuns que surgem entre sujeitos que compartilham condições sociais vividas coletivamente.

As estruturas de sentimento são, essencialmente, experiências sociais em solução — não ainda cristalizadas em formas ideológicas ou institucionais, mas já compartilhadas por um grupo. (Williams, 1979, p. 132)

Nesse cenário, as reportagens analisadas ressaltam momentos da vida dos personagens em que os sentimentos compartilhados por pessoas de condições sociais semelhantes serviram de inspiração para suas criações.

Figura 7 - Com exposição sobre meninos pretos, Okupação Coragem mantém memória na zona leste de SP



Fonte: Agência Mural (2025)

Assim como os Racionais, o artista visual utilizou as experiências em comum com outros sujeitos, nesse caso, a experiência de ser um homem negro de periferia, para criar um novo sentido sobre aquela realidade a partir da sua arte. Stuart Hall (1997) reforça que essa identidade cultural é resultado de experiências históricas e culturais comuns — seja nas

interações ou memórias coletivas que criam a consciência de um “nós”. Apesar das experiências em comum, vale ressaltar que, assim como as periferias, os sujeitos periféricos que as habitam também são plurais, sendo não apenas uma experiência territorial, mas também racialmente marcada, uma vez que esses espaços também são resultado de um processo de segregação urbana e desigualdade estrutural, além de conter a influência da herança escravocrata presente no Brasil.

Segundo Lélia Gonzalez (1988), a criatividade cultural negra funciona desde sempre como uma forma de reorganização da realidade, trazendo uma nova configuração para as marcas deixadas pela repressão ao transformá-las em expressões positivas da identidade. A partir do diálogo com a ideia de Stuart Hall das experiências em comum, compreendemos que a exposição de Fernando Pita não é apenas uma forma de falar sobre as suas experiências, mas também de ressignificá-las para si e para outros que foram atravessados pelos mesmos marcadores sociais. Ao evidenciar isso na reportagem, a Mural opta por utilizar o seu canal para que outras pessoas negras se identifiquem no trabalho do artista e reflitam sobre as suas próprias experiências.

Figura 9 – Autora do Grajaú cria dicionário com 300 palavras de origem nordestina

Nascida em Mombaça, interior do Ceará, a escritora e professora de artes chegou a São Paulo aos 12 anos, quando a vida dela mudou significativamente. Já não havia o calor do Nordeste, a escola agora tinha quatro andares, e a morada que antes era um sítio passou a ser uma casa na favela do Sucupira, localizada no Grajaú.

Fonte: Agência Mural (2025)

Na reportagem “Autora do Grajaú cria dicionário com 300 palavras de origem nordestina”, o leitor conhece a história da escritora Rosa Alves, que, assim como muitos moradores das periferias de São Paulo, é nordestina, mas precisou migrar para a capital paulista aos 12 anos com sua família. Apesar de uma experiência compartilhada e comum nesses territórios, foi esse deslocamento de sua terra natal que, mais tarde, viria a fortalecer a identidade nordestina da autora. Ao produzir esse dicionário, Rosa não apenas recupera parte de sua memória afetiva, mas reinsere sua vivência no território em que habita hoje — a periferia de São Paulo, marcada historicamente por fluxos migratórios do Norte e Nordeste.

Como lembra Hall (1997), as identidades se constroem no movimento, na diferença e no contato com o outro. Nesse sentido, Rosa também tem um gesto político ao trazer para o espaço público aquilo que antes circulava apenas dentro da sua casa, agregando um valor simbólico para a linguagem nordestina. Nas periferias de São Paulo, a linguagem funciona como um marcador identitário e de pertencimento. Assim, o dicionário da autora não apenas define a sua própria identidade e a de seus familiares, mas também dialoga com os leitores que têm histórias parecidas.

Individuais ou compartilhadas, quando essas experiências são ditas ou transformadas em algo, passam a fazer parte de um processo de identidade comunitária. Considerando o que Raquel Paiva (2003) afirma, a noção de comunidade prevalece em detrimento do individualismo característico do mundo globalizado sob a perspectiva de um “espírito comum”. Ao privilegiar essas histórias, a comunicação da Agência Mural cria um espaço em que o leitor pode se reconhecer na narrativa apresentada, fazendo com que, por meio do jornalismo periférico, desperte o sentimento de pertencimento ao território em seus leitores.

5.3 Consciência crítica e ação

Abordaremos aqui como as reportagens da Agência Mural destacam a consciência que os entrevistados têm sobre as suas realidades e quais são as ações políticas deles a partir disso. Aqui, compreendemos que o jornalismo possui um papel de mediador social, entendendo que a repercussão desse modo de pensar dos entrevistados contribui para que o leitor crie ou reforce consciência sobre a posição social que ocupa e passe a se impor a partir dessa identidade social.

Figura 10 - Samir Bertoli, o stylist que levou a moda periférica para novos territórios

“A arte, enquanto parte da cultura, está aberta a todos, mas o problema surge quando sua apropriação se dá de forma comercial e descontextualizada, esvaziando seu significado original”, reflete Samir sobre essa relação.

Fonte: Agência (Mural 2025)

Como mencionado, o sujeito periférico é considerado aquele que não só possui consciência da sua realidade e das problemáticas que a envolvem, mas também aquele sujeito que se orgulha de sua identidade e cultura e possui uma visão crítica para atuar a favor de

mudanças positivas para o seu território. Durante a análise, foi possível identificar que os personagens entrevistados possuem essas características, agindo em prol da periferia, cada um em sua esfera de atuação, como é evidenciado no trecho acima na fala do estilista Samir Bertoli, entrevistado para falar sobre a sua marca de roupas que exalta elementos da moda periférica. No trecho destacado, o estilista faz uma crítica em relação à apropriação da cultura periférica por quem não ocupa esse espaço, utilizando seus elementos a favor apenas do lucro monetário individual e gerando um apagamento dessa identidade. A reportagem traz como exemplo o caso do rapper Kyan, que recebeu uma oferta de contrato da marca Lacoste, mas a proposta oferecia pagamento com vouchers de roupa.

Uma crítica semelhante é feita por D'Andrea (2020), ao apontar que, a partir de 2002, com o lançamento do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles e Kátia Lund, a preponderância do termo periferia passa a ser feita pela indústria do entretenimento, que se apropriou da estética agregada ao movimento hip hop. Aos poucos, por um movimento que pode ser explicado pelo crescimento da onda conservadora no país, a indústria diminuiu as produções que abordassem essa temática, assim como a academia começou a diminuir as discussões sobre o termo *periferia*, e foi nesse momento que os moradores seguiram ressignificando o termo.

Após o caso, Samir convidou o rapper Kyan para entregar uma campanha de moda que dialogava com a cultura da marca dentro das periferias, mas a partir do ponto de vista de quem mora nelas. Assim, Samir não só enxergou o problema existente em seu território, mas, a partir do orgulho, ressignificou um episódio marcado por preconceito e apropriação da cultura, criando sentidos de pertencimento por meio da sua arte.

Figura 11 - Samir Bertoli, o stylist que levou a moda periférica para novos territórios

O local que é referência para arte e cultura na quebrada, já foi sinônimo de descaso urbano: um mercado fechado e vazio por 15 anos no meio de um dos maiores conjuntos habitacionais da cidade que com o tempo acabou se tornando ponto de uso de drogas ilícitas e prostituição.

Fonte: Agência Mural. Fonte: (2025)

A Mural também adota uma postura crítica em relação à negligência do governo ao retratar uma realidade frequente nas periferias: a falta de políticas públicas eficazes nessas áreas e os efeitos resultantes disso. No trecho acima, a reportagem fala sobre um antigo casarão localizado na Zona Leste de São Paulo, que, abandonado, tornou-se um ponto de

comercialização e uso de drogas ilícitas. Essa narrativa até poderia ser comparada com as que são diariamente expostas em telejornais policiais, que constroem no imaginário social as periferias como lugares repletos de violência, criminalidade e miséria. Porém, como uma mídia de jornalismo periférico, a Mural resolve apresentar o outro lado da moeda, ao mostrar como a atuação dos coletivos artísticos ressignificou um lugar abandonado, tornando-o um epicentro de cultura e expressão periférica dentro desse território. O veículo derruba o mito da imparcialidade ao deixar claro o “lado” que está, posicionando-se a favor das periferias.

Mais do que propagar a ação política dos sujeitos periféricos dentro desses espaços, a agência mural também assume um papel ativo na conscientização de seus leitores, corroborando para a formação de novos sujeitos periféricos por meio da representação de personagens e histórias semelhantes. Nesse contexto, a mídia periférica, que pode ser considerada parte de um sistema de representação, não apenas reflete a realidade social dentro desses espaços, mas também contribui para a sua construção e dos sujeitos que neles vivem (Hall, 1997).

6. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo, por meio do estudo do caso Agência Mural e da análise de conteúdo de cinco reportagens culturais, identificar como o veículo de comunicação fortalece e ajuda a criar o sentido de pertencimento e identidade nos seus leitores por meio da propagação da cultura e histórias de moradores de seus territórios, que contribuem para a mudança de narrativa desses lugares longe de estereótipos e estigmas.

Entre os principais achados da pesquisa, destaca-se que a Agência Mural contribui com a construção de uma nova narrativa para as periferias, fortalecendo o laço entre elas e os movimentos culturais ao evidenciar a história de sujeitos periféricos que ressignificaram as suas experiências compartilhadas, passando a agir politicamente a partir da arte em diferentes vertentes.

Como citado, compreende-se que o jornalismo pode influenciar na forma como os leitores passam a enxergar a si mesmos e o território ao seu redor, construindo novos sentidos sociais a partir do que é divulgado pela mídia. Como jornalismo periférico, averiguou-se que a Mural reforça o sentido de potência dos termos *periferia* e *periféricos* por meio da sua linha editorial, que opta por mostrar um lado positivo desses territórios, ainda que exista um olhar crítico sobre essas realidades.

Também se entende que o jornalismo periférico realizado pela Agência Mural desempenha um papel no sistema de representações da sociedade, funcionando como um espelho e ajudando os leitores provenientes dos bairros abordados nas matérias a se orgulharem de sua condição e, possivelmente, a se engajarem politicamente a partir dela, transformando-se em sujeitos periféricos.

Com este artigo, esperamos contribuir com os estudos sobre os temas jornalismo periférico e identidade, partindo da atuação do veículo na RMSP. Entretanto, abre espaço para que a temática seja abordada em outras regiões do país, sobretudo Norte e Nordeste, lugares em que têm surgido veículos jornalísticos periféricos.

Referências

AZEVEDO, Aroldo. Subúrbios orientais de São Paulo. Tese de concurso à cátedra de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, capítulo IV: Itaquera e Poá. São Paulo. (Texto mimeografado, 1945.)

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARDOSO, André; FACHIN, Patricia. “Os moradores das periferias de São Paulo sempre foram protagonistas na construção da cidade”. Entrevista especial com Adriano José de Sousa. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/646653-os-moradores-das-periferias-d-e-sao-paulo-sempre-foram-protagonistas-na-construcao-da-cidade-entrevista-especial-com-adriano-jose-de-sousa>. Acesso em: 21/09/2025.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEFAÏ, Daniel. 2009. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. *Dilemas*, v. 2, n. 4, pp. 11-48.

SADER, Eder. 1988. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra .

D’ANDREA, Tiarajú Pablo. 2013. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. Tese de Doutorado em Sociologia. São Paulo: USP.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36, 2020.

DE SOUZA, Juliana Salles. *Educomunicação e diálogo de saberes nas periferias de São Paulo e Medellín*. **Revista Extraprensa**, v. 12, p. 520-541, 2019.

FONTES, Leonardo de Oliveira. Da formação cultural à mobilização social: espaços de formação e mobilização ao longo de três gerações nas periferias de São Paulo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 109, p. 51-101, 2020.

FREIRE FILHO, João. *Mídia, estereótipo e representação das minorias*. Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1–18, 2009.

MARÇAL, Gabriela. *Gêmeas Tasha e Tracie: da quebrada paulistana à carreira ascendente no rap*. Metrôpoles, 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/gemeas-tasha-e-tracie-da-quebrada-paulistana-a-carreira-a-scendente-no-rap>. Acesso em: 23/09/2025.

NONATO, Cláudia; PACHI FILHO, Fernando Felício; FIGARO, Roseli. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Líbero**, n. 41, p. 100-115, 2018.

OKEREKE, Tasha; OKEREKE, Tracie. *Direitos e deveres em uma abordagem policial. Porque você jovem, preto e favelado tem que saber!*. Blog Expensive Shit, 19 maio 2016. Disponível em: <https://expensiveshit.wordpress.com/2016/05/19/direitos-e-deveres-em-uma-abordagem-polic-ial/>. Acesso em: 30 out. 2025.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. semiótica. **São Paulo**, 1977.

RACIONAIS MC'S. *Fim de semana no parque*. In: RACIONAIS MC'S. *Raio-X do Brasil*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. 1 CD. Faixa 2.

SANTAELLA, Lucia. Epistemologia semiótica. **Cognitio: Revista de Filosofia**, v. 9, n. 1, p. 93-110, 2008.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

TELLES, Vera S. (2011). *Ilegalismos populares e relações de poder nas tramas da cidade*. In: Cabanes, R.; Rizek, C.; Telles, V. (Orgs.), *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo. (pp. 155-169)

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
das periferias como instrumento de democratização da comunicação - GIFE.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
